



OS POINTS DE REGGAE EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO COMO REVELADORES DE UMA CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL

Wanderson Ferreira dos Anjos¹

RESUMO

A compreensão do reggae no cenário maranhense perpassa várias análises e interpretações, estando diretamente associada à cultura local, popular. Nesse prisma, caracteriza-se o percurso histórico e geográfico do ritmo na Jamaica, no Brasil e no Maranhão, afim de traçar semelhanças e diferenças. A inserção do reggae na capital São Luís apresenta nuances e expressa certa resistência, uma vez que foi alvo de severas críticas e preconceito durante muitos anos, por estar condicionado à realidade de bairros periféricos, de população menos assistida e, por vezes, segregada. Destaca o Materialismo Histórico-Dialético como aporte metodológico para nortear a pesquisa, revelando contradições e expondo explicações que levam ao entendimento do fenômeno na capital maranhense, a “Jamaica Brasileira”. A visibilidade do reggae no contexto ludovicense se deu em virtude de alguns fatores: expansão dos espaços, aumento no quantitativo de radiolas, surgimento de novos DJs, divulgação nas mídias locais etc. Nesse sentido, os estabelecimentos fulguram como pontos estratégicos e por isso suas localizações também são considerados aspectos centrais na dinâmica socioespacial. São destacados sete (7) locais onde o reggae assume papel basilar, atraindo visitantes e clientes, fato que impulsiona a economia local e aproxima as raízes culturais a partir da divulgação desse estilo musical.

Palavras-chave: Reggae, Dinâmica socioespacial, São Luís.

RESUMEN

La comprensión del reggae en el escenario de Maranhão permea varios análisis e interpretaciones, estando directamente asociada a la cultura popular local. En esta perspectiva, se caracteriza la trayectoria histórica y geográfica del ritmo en Jamaica, Brasil y Maranhão, con el fin de trazar similitudes y diferencias. La inserción del reggae en la capital São Luís presenta matices y expresa cierta resistencia, ya que fue blanco de severas críticas y prejuicios durante muchos años, ya que estaba condicionado a la realidad de los barrios periféricos, con una población menos atendida y, a veces, segregado. Destaca el Materialismo Histórico-Dialético como aporte metodológico para orientar la investigación, revelando contradicciones y exponiendo explicaciones que conduzcan a la comprensión del fenómeno en la capital de Maranhão, Jamaica Brasileira. La visibilidad del reggae en el contexto ludovicense se debió a algunos factores: expansión de espacios, aumento del número de emisoras de radio, aparición de nuevos DJs, difusión en medios locales, etc. En este sentido, los establecimientos brillan como puntos estratégicos y por tanto su ubicación también asume un papel central en la dinámica socioespacial. Se destacan siete (7) lugares donde el reggae juega un papel fundamental, atrayendo visitantes y clientes, hecho que dinamiza la economía local y acerca las raíces culturales a través de la difusión de este estilo musical.

Palabras clave: Reggae, Dinámica socioespacial, São Luís.

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, wandersondosanjos@hotmail.com



INTRODUÇÃO

O reggae surgiu como um instrumento de denúncia, um canal de crítica aos problemas sociais enfrentados pelo povo negro e pobre jamaicano, em 1960. Nasce no seio da periferia, nos bairros de lata da capital Kingston, a partir do hibridismo que envolve a música tradicional mento, o *Rhytham and Blues* – R&B e os tambores tribais das religiões africanas, tendo ligações religiosas, ideológicas e filosóficas. Aliada à filosofia rastafári, o estilo musical jamaicano idealiza um mundo mais humano, menos excludente. Surge num contexto de modernização da Jamaica, num cenário marcado por uma série de problemas que passam a ser destacadas nas letras das músicas.

A chegada do reggae em terras maranhenses é marcada por algumas interpretações. É possível apontar que sua inserção no estado se deu por meio dos colecionadores que adquiriam discos de vinil através do comércio informal entre São Luís e Belém do Pará ou também se pode sugerir que o ritmo no Maranhão foi possibilitado pelos sinais de rádio dos navios que chagavam no porto da capital ou ainda que os marinheiros seriam os responsáveis pela introdução dos discos de reggae em São Luís, a partir do momento em que os ofereciam como pagamento pelos serviços prestados pelas profissionais do sexo da região.

Apontar a área, entender as características e o desenvolvimento do reggae são pontos essenciais para seu enraizamento e compreensão na “Jamaica brasileira”. Sendo assim, esse trabalho objetiva caracterizar a dinâmica socioespacial do reggae em São Luís-Ma com base na localização dos principais points.² Para tanto, busca: a) Evidenciar o histórico do ritmo reggae no território jamaicano, brasileiro e maranhense para entendimento das especificidades em cada um desses contextos; b) Apontar as características do reggae no cenário ludovicense, denotando suas principais peculiaridades na Jamaica Brasileira; c) Destacar os points de reggae em São Luís, na atualidade, com o intuito de entender os motivos de sua fixação em tais espaços.

Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, utilizando como método o materialismo histórico-dialético, apontando a história do reggae em nível internacional, nacional e local, destacando o foco histórico-social que o cerca. O procedimento técnico constitui-se de Pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos, periódicos, monografias e dissertações. Utiliza como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado com

² Pesquisa desenvolvida com base no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A dinâmica socioespacial do reggae na Jamaica brasileira: localização dos principais points de reggae em São Luís do Maranhão”, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, em 2020.



perguntas abertas e fechadas. Produz-se um mapa temático de localização dos principais points de reggae na capital, de modo a destacar a espacialização do fenômeno no referido município maranhense.

Por São Luís e Jamaica apresentarem características geográficas, populacionais e sociais similares, entender o fenômeno musical que aproxima essas duas regiões e as nuances envolvidas torna-se uma tarefa basilar para a compreensão do reggae e seu destaque no cenário ludovicense, entendendo os points como expressões de uma dinâmica socioespacial. Esse trabalho visa apontar elementos que ajudem revelar certa caracterização socioespacial do reggae em São Luís e, assim, contribuir para a divulgação da temática no meio científico, tornando-se um instrumento informacional e canal para futuras reflexões sobre o reggae no Maranhão e na capital do estado.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois apresenta certos aspectos essenciais, como “[...] a escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção do conhecimento; e na variedade de abordagem e métodos.” (FLICK, 2009, p. 20). Nesse sentido, recorre-se ao materialismo histórico-dialético, como método, apontando a história do reggae na Jamaica, no Maranhão e na capital São Luís, com o intuito de apresentar as características, aproximações e distanciamentos com base nos aspectos culturais, históricos e sociais que permeiam seu contexto.

No que tange ao procedimento técnico, caracteriza-se como uma Pesquisa bibliográfica, por meio da utilização de materiais informacionais que versem sobre a temática, tais como artigos científicos, periódicos, monografias e dissertações, utilizando descritores condizentes com o assunto para facilitar o processo de recuperação da informação. Após a seleção, faz-se sua organização por meio de fichamentos e resumos de modo a orientar a escrita desse trabalho científico.

Para obtenção de informações mais pontuais, utiliza-se um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas como instrumento de coleta de dados, aplicado de forma online com o proprietário de uma casa de eventos relacionado ao reggae (situada na área urbana da cidade), além das considerações feitas pelo apresentador e pesquisador ludovicense Ademar Danilo.



Produz-se ainda um mapa temático de localização dos principais points de reggae na capital, utilizando ferramentas do Geoprocessamento, com uso do Google maps, do software QGis 2.18, da malha municipal de São Luís no portal de mapas do IBGE, destacando a espacialização do fenômeno nesse município maranhense, considerado a “Jamaica Brasileira”.

REFERENCIAL TEÓRICO

A história desse gênero musical está intimamente ligada à realidade do seu lugar de origem, ao percurso histórico da Jamaica, ilha caribenha situada no Centro da América Central, à 150 km ao sul de Cuba e 160 km do Haiti, com área de 10.991 km², por isso faz-se necessário tecer sua história. O processo de colonização da área se deu por volta do ano 1494, com a chegada de Cristóvão Colombo naquele território habitado pelos índios arauaques (ARAÚJO, 2004). Quando a comitiva de exploração chegou à “terra das primaveras” (Xaymaca na língua nativa), os índios locais receberam com tambores e ao som de flautas feitas de madeira. Porém, não era a música que atraía os olhares dos espanhóis, mas a suposta presença de metais preciosos na região, levando ao processo de colonização da mesma.

Primeiramente, foi colonizada pelos espanhóis, estando sob o domínio destes até o ano de 1665 e, posteriormente conquistada pelos ingleses. Em ambos momentos de colonização, recebeu um número significativo de negros africanos, mais especificamente da África Ocidental. De 1660 a 1665 houve intenso período de conflito entre esses povos e também a libertação dos escravos. Ao caracterizar esse episódio da história jamaicana, Albuquerque (1997 apud FARIAS, 2015, p. 73) enfatiza que

[...] antes de perderem completamente o domínio sobre o território da Xaymaca, os espanhóis libertaram todos os seus escravos (os remanescentes arauaques e angolanos). Este acontecimento foi – a longo prazo – de suma importância para a fusão de elementos culturais africanos e indo-americanos, pois estes remanescentes após serem libertados foram para as montanhas e formaram juntos o núcleo dos *maroons*. Neste momento a cultura jamaicana começava a ser forjada, claro, de elementos ‘xaymacanos’, africanos e europeus.

Com a constatação da ausência de metais preciosos na área, passa-se a investir numa nova atividade exploratória, a exploração predominante da agricultura. Os ingleses começaram a cultivar a cana-de-açúcar trazida de Barbados, sendo a principal atividade econômica a partir de então. Tal processo necessitava de mão-de-obra barata e com isso os angolanos foram forçados a assumir a função, através do intenso tráfico negreiro (FARIAS, 2015). Isso fez com que a população se tornasse heterogênea com a presença de ingleses, angolanos, espanhóis e remanescentes indígenas.



Cabe salientar que muitas tradições foram mantidas pelos africanos colonizados (dança, música, práticas religiosas, etc), contribuindo de forma significativa na identidade desse povo que, mesmo com as chibatadas dos espanhóis e ingleses não abandonaram suas raízes, mas contribuíram para o enraizamento cultural naquele território, a partir das influências que traziam de sua pátria.

Os sons de tambores produzidos em rituais religiosos começaram a mesclar o *Rhythm and Blues*, produzido pelos negros norte-americanos na década de 1950. De acordo com Morias e Araújo (2008, p. 3), “[...] a ilha podia captar, via rádio, sons que eram produzidos por negros de algumas cidades norte-americanas, como Nova Orleans e Miami [...]” Tem-se assim a produção do primeiro estilo musical jamaicano, o Mento, a partir da influência do *Blues*, dinamizando-se através da rádio e revalorizando a identidade cultural da ilha. Tempos depois surge o Ska como forma de afirmação identitária do povo jamaicano, caracterizando-se por uma batida mais acelerada que o Mento.

A partir da nova configuração territorial urbana jamaicana, o Mento foi perdendo espaço, pois representava traços rurais. O processo de industrialização da ilha trouxe consigo grande quantidade de pessoas oriundas da zona rural para algumas cidades como a capital Kingston, impactando de maneira significativa em sua estrutura, a partir do êxodo rural em vistas de emprego e melhores condições de vida (isso ocorreu em meados de 1950). A industrialização trouxe sérios problemas, gerando inquietação social de diversas ordens, a partir do aumento expressivo da pobreza na região. A explosão do êxodo rural impulsionou a fixação de trabalhadores rurais para a capital Kingston, corroborando para a concentração populacional urbana em favelas que expressavam a miséria, a fome e o desemprego do povo. Com isso, ouve o declínio da economia agrícola na Jamaica.

A insatisfação social da população era expressa a partir de várias manifestações, tendo como grande ícone a música como instrumento de denúncia das mazelas sociais e desigualdades tão gritantes da população. Os jovens (*rude boys*) – nascidos e crescidos no meio do gueto, na miséria - representavam a parcela mais inconformada com essa situação, sem perspectivas de um trabalho digno, entre outros fatores. Os clubes formados pelos *rude boys* cresciam e denotavam a efervescência dos garotos de ruas que se revoltavam contra a situação vivenciada.

Por se concretizar num contexto de gueto, o ritmo logo foi alvo de preconceito e, portanto, recebido com certo receio pelo público apreciador do Mento, o que só mudou alguns anos depois quando o mesmo foi sendo incorporado entre os ouvintes da ilha e também entre os europeus. As injustiças sociais e a questão econômica passaram a ser tratadas com vigor



entre os novos cantores jamaicanos, num período em que as lutas pela independência da Jamaica despontavam entre a sociedade.

Ao tratar desse contexto, White (1997) expressa que a mistura do mento com o *R&B* deu origem ao Ska, e este, por sua vez, foi fundamental para o surgimento do rock steady. Através do rock steady a música passa a ser politizada, tornando-se mais ameaçadora e crítica. De acordo com Carvalho e Braga (2008, p. 4), “[rock steady foi] o ritmo que dominou as paradas jamaicanas entre o Ska e o surgimento do Reggae, mais exatamente entre o fim de 1966 e a metade de 1968. Sua principal diferença para o Ska é a de ter um ritmo mais lento.”

Sendo assim é possível apontar uma sequência cronológica, envolvendo cada ritmo e sua influência para a criação do reggae. Assim, tem-se:

O mento (Jamaica) e calipso (Trinidad e Tobago), somados à influência do swing e *R&B* (Estados Unidos), dão origem ao ska, por volta da década de 1950. Em meados da década de 1960, a redução do tempo no metrônomo fez surgir o rock steady, que durou pouquíssimo tempo. Coincidentemente, o ano de 1968, conhecido como ‘o ano que não terminou’ (principalmente devido à Revolução de Maio de 68 iniciada por estudantes da Universidade de Paris, culminando em uma greve geral na França) foi também [...] conclamado como o ano do Reggae, com a música *Do thereggay*, de *Tootsand Mayatalls*. (FRANÇA, 2015, p. 50 apud PENHA, 2003, p. 44).

Com base nessa colocação, reforça-se que o reggae foi influenciado por uma congruência de outros diferentes ritmos como o mento, o calipso, o ska, o swing e até mesmo o blues americano, ou seja, expressa sua herança negra na constituição do novo estilo musical. É muito mais que um ritmo da música negra, caracteriza-se como um fenômeno social proveniente da relação entre elementos culturais africanos, contradições sociais explícitas e cosmovisões cristã, rastafári e burru, como enfatiza Farias (2015).

Por volta de 1968 alguns músicos jamaicanos começam a fazer sons mais lentos que o Ska e mais rápidos que o Rock steady, criando essa mesclagem de ritmos e sons variados, chegando assim ao que conhecemos como reggae, na sua forma mais original. Ele surge como forma de denúncia das mazelas sociais, das lóstimas trazidas com a modernização da Jamaica (o desemprego e a falta de moradia, por exemplo), nascido nos bairros periféricos do país, sendo um som do gueto, destacando a insatisfação com a realidade e a discriminação racial, manifestadas através de suas letras e atrelado à filosofia rastafári, manifestando sentimentos de descontentamento e rebeldia.

A história do reggae no Brasil nos reporta ao final dos anos 1960, porém não se tem um consenso sobre sua chegada em território maranhense. Com base em estudos podem-se tecer três versões para o seu aparecimento: 1) Conhecimento do ritmo a partir dos sinais de rádio dos navios que aportavam em São Luís. Ondas de rádio captavam sinais de diversas



regiões, inclusive do Caribe; 2) Aproximação com o novo estilo musical através dos discos trazidos pelos marinheiros vindos da Guiana Francesa e entregues à profissionais do sexo como forma de pagamento, quando desembarcavam no porto da capital. 3) Envolvimento com a música jamaicana por meio de aquisições de discos de vinil pelos colecionadores via comércio informal em Belém do Pará, com destaque para José Macedo, popularmente conhecido como Riba Macedo.

Nesse contexto, Silva (2007, p. 27) expressa que “[...] a existência de várias versões explicativas indica que é muito difícil precisar qual o caminho de introdução de determinados elementos culturais em um novo contexto, como é o caso do reggae jamaicano em São Luís.” Ainda assim, deve-se levar em consideração a invasão da música internacional no Brasil na década de 1970, importando vários estilos. Talvez esse seja um ponto basilar na introdução do reggae no cenário brasileiro, visto que há forte identificação com a cultura local, assim como outros ritmos caribenhos.

[...] mesmo considerando as especificidades, existem fortes aproximações culturais seja entre os povos do Caribe, da Amazônia, ou da América Latina. Isto nos leva a afirmar que samba de roda, merengue, maracatu, bumba-meu-boi, capoeira ou reggae, entre tantos outros, são vertentes rítmicas produzidas na diáspora africana (SILVA, 2007, p. 37).

A identificação étnico-racial entre jamaicanos e maranhenses foi ponto crucial para a fixação do reggae nesse estado nordestino, uma vez que Jamaica e Maranhão possuem grande população negra e também “[...] características culturais semelhantes, herdadas dos africanos escravizados. Isto revela que raízes culturais africanas teriam sido transplantadas para as duas regiões pelo processo de escravização e permanecido ali com algumas [ressignificações]” (SILVA, 2007, p. 24). Isso vai denotando as aproximações que se dão entre os contextos que, embora diferentes, exprimem os mesmos reclames e tinham suas raízes semelhantes por meio da resistência e luta do povo negro africano.

Aliado a esses fatores tem-se ainda certos acontecimentos que influenciaram a propagação do reggae no Brasil, a saber: na **década de 60** foi identificado algo próximo ao estilo, uma tradução do Ska na época da Jovem Guarda com Renato e seus Blue Caps e Wanderléia; A visita de Jimmy Cliff ao país em **1969** para participar do Festival Internacional da Canção. Além disso, houve a grande contribuição da canção Nine out of Ten gravada no Brasil em **1972**. O filme Balada Sangrenta estrelado por Jimmy Cliff em **1973** trazia em sua trilha sonora um grande sucesso do reggae. Quatro anos mais tarde, em **1977**, Gilberto Gil se lança ao estilo, a partir do disco “Revela”. No **ano seguinte** Gil fez uma turnê pelo Brasil acompanhado pelo próprio Jimmy Cliff. Em **1980** Bob Marley visita o país, dando maior



visibilidade ao estilo. Na **década de 1980** o grupo Os Paralamas do Sucesso começa a divulgar mais o ritmo por meio de algumas canções. No **início de 1990** vão surgindo novas bandas de reggae no contexto nacional. Esses pontos são de grande relevância, pois demonstram a presença e infiltração do novo estilo musical entre os brasileiros que passam a apreciar a musicalidade jamaicana através de seus artistas.

Em solo maranhense, a inserção do ritmo se deu entre a população negra e pobre da capital, habitante da área periférica, nas palafitas. Nessas áreas eram possíveis apreciar a música nos salões de festas o que contribuiu para a consolidação do ritmo jamaicano em São Luís. Podia-se sentir a pulsação das músicas a partir das radiolas, paredões com até quarenta caixas de som, inspiradas nos sound systems jamaicanos (tipos de discotecas ambulantes utilizadas para driblar o controle governamental). Na década de 1970, por exemplo, se popularizam as festas nos bairros periféricos com o ritmo arrastado, atraindo uma massa popular pobre que via na música e na dança uma forma de liberdade e expressão.

A proliferação de radiolas é ponto característico do início da década de 1980, que disputavam a preferência da população regueira da capital com a presença de discotecários e os proprietários de clubes que eram os responsáveis pela aquisição de novos lançamentos, das músicas exclusivas. Havia a disputa pela exclusividade de um disco, assemelhando-se à competição entre os discotecários ambulantes na Jamaica que usavam certas estratégias para dificultar a compra pelos seus concorrentes através da raspagem das etiquetas ou selos dos discos mais novos.

A capacidade de manter a exclusividade fonográfica garante a alguns proprietários de radiolas permanecer em evidência junto à comunidade regueira que, por sua vez, elege os melhores, independentemente do tempo de existência da radiola ou do clube. Para o regueiro, o que importa é se a radiola “bate bem”, e se o discotecário conhece as “pedradas”. Na gíria dos regueiros, as “pedradas” são as músicas consideradas boas, as canções mais antigas, chamadas “raízes” do *reggae*. São músicas muito disputadas e quem tem os discos não revela as fontes de aquisição. (PENHA, 2003, p. 40).

Essa situação fez com que alguns proprietários de radiolas em São Luís chegassem a comprar todos os exemplares de um mesmo disco, com vistas a atrair um grande número de pessoas nas festas e popularizando o dono da radiola. Apenas alguns discotecários possuíam os discos novos, comprados diretamente na Jamaica ou em Londres, pois não era possível os encontrar nas lojas da capital do Maranhão.



É a existência das chamadas radiolas, que são sistemas sofisticados, com até quarenta caixas de som, que geralmente contrastam com a pobreza dos salões de festas. As radiolas são operadas por um discotecário, contratado pelos proprietários dos salões, para animar as festas em vários pontos da cidade durante toda a semana. (PENHA, 2003, p. 38).

No cenário ludovicense um nome de grande repercussão é Riba Macedo, pois “[...] a maioria dos donos de radiola em São Luís reconhece o DJ José Ribamar da Conceição Macedo [Riba Macedo] como o pioneiro a tocar o ritmo jamaicano [reggae] nas festas da capital.” (FREIRE, 2008, p. 3) Relata-se que Riba teria trazido para a capital discos comprados no Pará pelas mãos de Carlos Santos, sendo o primeiro contato do produtor com o ritmo jamaicano. O gosto pelo novo ritmo foi tão grande que o mesmo passou a tocá-lo nos bailes que realizava, nos intervalos das músicas agitadas do merengue, lambada e forró que predominavam na época. “[...] desconhecendo a religião Rastafari, a filosofia do reggae e o contexto social jamaicano, que faziam com que o povo de lá dançasse demonstrando força, os maranhenses ressignificaram a dança, tornando-a mais sensual” (FREIRE, 2008, p. 3).

Assim, vai ganhando espaço em São Luís, envolvendo um público nas festas onde o ritmo era tocado e prestigiado, incorporando características específicas do território maranhense. Nos anos 1990 era possível perceber seu envolvimento nas rádios do estado, tendo inclusive, um programa de grande audiência apresentado por Fauzi Beydoun (vocalista da banda Tribo de Jah). O programa assim como outros era, no início, produzidos com materiais exclusivos dos próprios apresentadores e as emissoras de rádio não compravam os discos. Os ouvintes poderiam ainda gravar suas fitas durante as programações e ouvi-las quantas vezes desejassem, aprendendo as canções e popularizando as melodias.

Os programas de reggae nas rádios de São Luís foram ampliando as instalações e popularizando o ritmo. Era possível, através dos locutores, saber os locais da festa, as radiolas presentes, a opção de novos lugares para “consumir” o ritmo e a apreciar boas “pedras”. Os apresentadores faziam o papel de divulgadores da cultura reggae, apontando o circuito do ritmo na capital maranhense e no interior do estado.

A presença do reggae nos clubes e grêmios da época fez com que se alcançasse um sucesso, consagrando o ritmo entre os maranhenses e, sobretudo, no gosto popular do cidadão ludovicense. A partir de então deu-se sua fixação entre as diferentes camadas sociais, gêneros e faixa etária, expandindo-se pelo território, alcançando novas áreas, fomentando a criação de novos salões, novas radiolas, novos Djs e novas bandas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de São Luís está localizado na ilha do Maranhão, limitando-se ao norte com o oceano Atlântico; ao sul com os municípios de Bacabeira, Rosário e Cajapió; a oeste com os de Alcântara e Bacurituba e a leste com São José de Ribamar. Pertencente à mesorregião norte maranhense e microrregião aglomeração urbana de São Luís, a cidade ocupa 57% do total da ilha onde estão inseridos também Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar (Mapa 1). A área total do município equivale à 1,215,69 hab/km², tendo a maior concentração populacional na área urbana (94,45%). (BRASIL, 2011).

Mapa 1 – Localização do município de São Luís-Ma



Fonte: Neves, 2020.



A partir da divulgação nos meios de comunicação, com a inserção de novos elementos e personagens, o reggae ganhou força e sua dinâmica territorial sofreu alterações. Assim, pode-se observar seu adentramento em áreas nobres da capital maranhense, inserindo-se em bares, restaurantes e salões de festas da orla marítima.

De acordo com o professor e pesquisador do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, Carlos Benedito Rodrigues da Silva (apud NUZZI, 2018):

É importante perceber que, no processo de distribuição dos produtos culturais pelos sistemas midiáticos, muitos movimentos rítmicos cresceram e desapareceram ao longo das últimas décadas em várias partes do país. E se alguns deles permaneceram e ganharam força ampliando seus espaços de realização é porque, sem dúvida, têm uma significação maior que os modismos momentâneos para as populações que os consomem. Silva (SILVA apud NUZZI, 2018, p. 2).

Num comparativo estabelecido da década de 1990 à 2005, Freire (2008) destaca sete principais points, localizados no Centro Histórico e na orla marítima de São Luís, como pode ser observado no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Principais points de reggae em São Luís (1990-2005)

NOME	LOCALIZAÇÃO
Bar Tombo da Ladeira	Ladeira do Centro Histórico, em frente a escola de capoeira do Mestre Gavião
Bar do Nelson	Avenida Litorânea, praia do Calhau
Espaço Cultural	Reviver
Trapiche	Praia Ponta D´Areia
Mama África	Reviver
Chama Maré	Praia Ponta D´Areia
Mr. Frog	Praia Ponta D´Areia

Fonte: Adaptado de Freire, 2008.

Percebe-se assim a dinâmica territorial do reggae expandindo-se para áreas além dos bairros periféricos, à exemplo do Bar do Nelson e Trapiche, localizados numa área nobre da capital (Praia da Ponta D´Areia e Litorânea). O Espaço Cultural e o Bar Tombo da Ladeira inserem-se numa zona histórica da cidade, o Centro. Nesse bairro, as manifestações culturais e artísticas se convergem, atraindo uma multidão de pessoas em suas apresentações. Assim, propaga-se o ritmo jamaicano para ludovicenses e turistas/visitantes de outras localidades do Brasil e do Mundo.

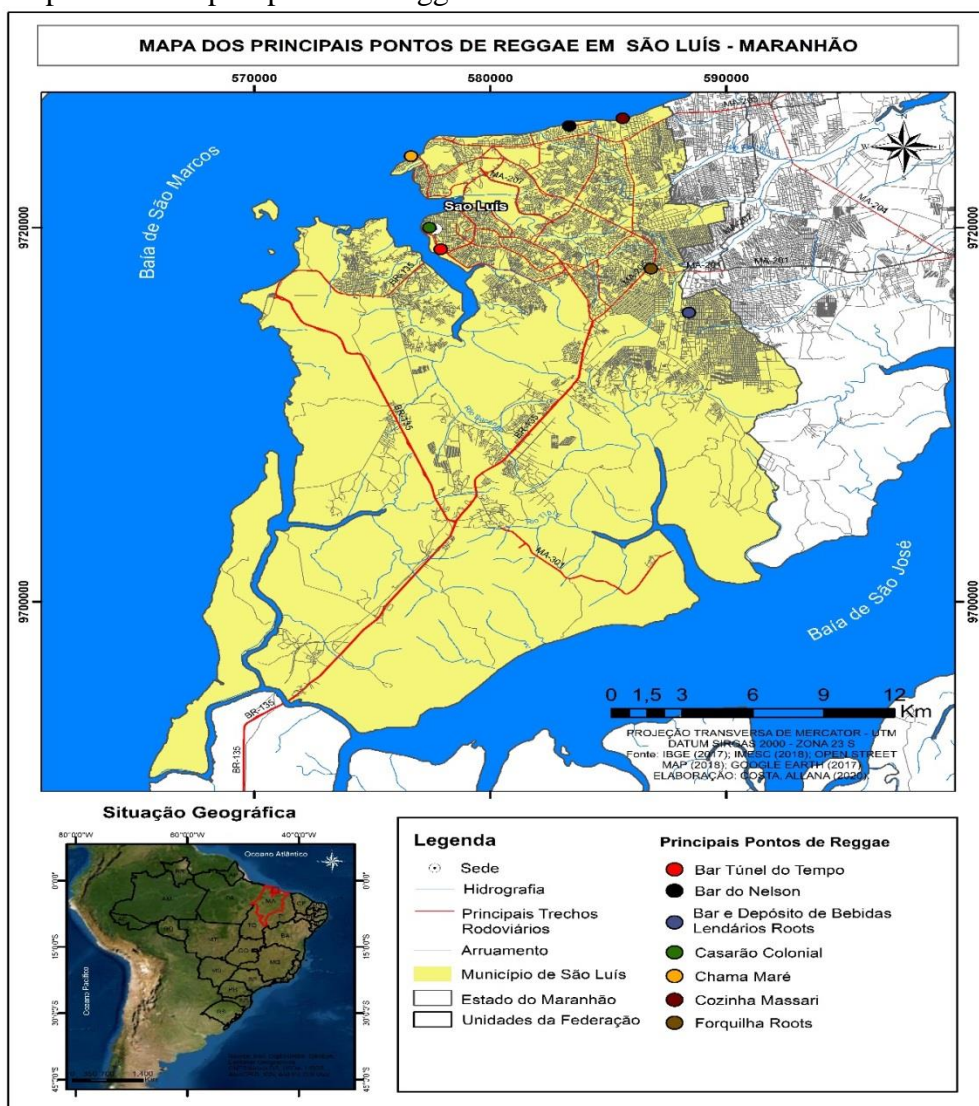


A presença da Praça do Reggae é outro ponto que também reforça a importância do estilo no cenário estadual e local, evidenciando sua presença e enraizamento na sociedade ludovicense. Localizada na Rua da Estrela, a Praça do Reggae foi criada a partir do projeto do vereador Raimundo Penha no dia 12 de maio de 2017. Sua localização é um fator primordial no que diz respeito à propagação do movimento reggae em São Luís, pois se insere numa região de intensos movimentos de fluxos de pessoas (moradores locais e turistas) que vem de diferentes áreas para curtir e apreciar o ritmo, numa interação de diversos grupos no local – região do Centro Histórico. A Praça foi criada no intuito de ser uma “vitrine” do Museu do Reggae, proporcionando atividades relacionadas ao ritmo de forma mais viva e dinâmica, agregando o povo que curte reggae na capital.

Ao lado da Praça está o Museu do Reggae, local de dinamização, preservação e divulgação do reggae no estado. Nesse espaço cultural e informacional pode-se apreciar relíquias de discos e demais objetos ligados diretamente a história do ritmo no estado e na capital - como é o caso de uma guitarra da banda maranhense Tribo de Jah e radiola “Voz de Ouro Canarinho”. O instrumento musical supracitado fez parte da banda maranhense em suas apresentações em diversos países, em shows internacionais e também nacionais, sendo utilizada nas primeiras gravações do grupo. Já a radiola pertenceu a um personagem marcante no contexto regueiro maranhense, o pioneiro e disseminador do ritmo no estado “Serralheiro” (Edmilson Tomé da Costa), ao longo dos anos de 1970. Além desses, é possível encontrar vídeos, acervo fotográfico, jornais, revistas, discos raros e trabalhos acadêmicos que versam sobre a temática.

Com o intuito de ressaltar visualmente os principais pontos de “consumo” do ritmo jamaicano no cenário ludovicense, optou-se pela produção do mapa temático a seguir, exprimindo sua relação socioespacial na dinâmica localizacional de cada espaço destinado ao ritmo carinbenho. São destacados sete (7) locais onde o reggae assume papel basilar, atraindo visitantes e clientes, fato que impulsiona a economia local e aproxima as raízes culturais a partir da divulgação desse estilo musical (Mapa 2).

Mapa 2 – Principais points de reggae em São Luís-Ma



Fonte: Neves, 2020.

Compreende-se que a capital São Luís possui rico arsenal cultural e natural, sendo as praias um dos principais lugares de visita dos turistas. Sem dúvida, a presença de espaços reservados ao reggae nessa região é um elemento estratégico para atrair curiosos, apaixonados pelo ritmo e gerar lucro. Percebe-se a presença de bares, salões de festa e restaurante nas áreas da Praia de Ponta D´Areia e Litorânea (3 estabelecimentos/points), o que reafirma essa característica de forte presença em ambientes de circulação de muitas pessoas advindas de várias partes do país e do mundo.



Como destaca Ademar Danilo, “o reggae se tornou um elemento importante da cultura do estado como um todo, fonte de emprego e renda, além de atrativo turístico de impacto direto e indireto na vida de milhares de pessoas.” (informação verbal)³

Se os capitalistas se tornam cada vez mais sensíveis às qualidades espacialmente diferenciadas de que compõe a geografia do mundo, é possível que as pessoas e forças que dominam esses espaços os alterem de um modo que os torne mais atraentes para o capital altamente móvel. (HARVEY, 2009, p. 266).

Contudo, ainda é possível sentir a apreciação do reggae em outros pontos da cidade, a exemplo dos bairros Cidade Operária e Forquilha (Bar e depósito de bebidas Lendários Roots e Forquilha Roots, respectivamente), denotando um movimento de resistência e permanência entre as camadas mais populares. Como já enfatizado, foi nas periferias de São Luís que o reggae se estabeleceu e construiu a base necessária para se expandir. A presença de espaços destinados ao estilo nesses dois pontos da capital expressa sua relação com o popular, com pessoas mais humildes e apaixonadas pelo ritmo, mas expressa também o caráter da territorialização do reggae na capital onde prioriza-se uma região em detrimento de outras.

Na interpretação de Santos (1996), o território é um elemento intermediário entre o mundo e a sociedade nacional e local, pois a globalização só se realiza em lugares, conforme suas virtualidades e recursos para usos específicos. E esse mundo globalizado escolhe determinados lugares e rejeita outros para sua territorialização, não abarcando o espaço como um todo e deixando o território como algo fragmentado.

Pode-se observar também a fixação de dois espaços “Bar Túnel do tempo” e “Casarão Colonial” na área central da cidade de São Luís, o que expõe sua visibilidade por muitos cidadãos, visto que essa área congrega diversos serviços e comércio, tornando-se um ponto de forte circulação de pessoas que desempenham diferentes usos dessa área. O centro da capital também atrai diversas manifestações culturais e artísticas ao longo do ano, possibilitando ainda mais um constante fluxo nessa área que também engloba o Centro histórico, formado por um grande conjunto de casarões coloniais, lindas praças, avenidas e igrejas que exprimem a história e a cultura portuguesa no estado.

Para entender o envolvimento e as razões para inserção desses “espaços” em tais localidades, ressaltam-se as falas de agentes sociais envolvidos, à exemplo do apresentador Ademar Danilo e do proprietário do espaço “Forquilha Roots”. Destacam-se informações importantes como: o que o reggae representa; o primeiro contato com o ritmo; a contribuição dele para a cultura maranhense e a localização do estabelecimento. Com base nesses

³ Resposta de Ademar Danilo à entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2017.



apontamentos busca-se entender e refletir sobre a caracterização socioespacial do ritmo em São Luís-Ma.

Ao ser indagado sobre o que o reggae representa na sua vida, o proprietário afirmou *“o reggae é minha sobrevivência, mantenho minha família com o reggae.”* Essa fala nos aproxima das considerações feitas por Ademar Danilo ao apontar que *“São milhares de pessoas que vivem do reggae, tanto das festas quanto das relíquias, atividades de bares e sonorização, tudo que envolve o evento que vai da bilheteria ao dono da radiola. Toda a economia está se movimentando nas festas.”*

Com o intuito de entender a relação do proprietário com o ritmo jamaicano, indagou-se qual foi o seu primeiro contato com o reggae, tendo como resposta: *“Aos 13 anos de idade, como produtor de eventos. Proprietário de estabelecimento dedicado ao reggae foi em outubro de 2006.”* Tal apontamento nos aproxima das considerações feitas por Morias e Araújo (2008) ao destacarem que,

Os clubes e as radiolas tiveram um papel fundamental no processo de evolução e consolidação do reggae no estado, pois dinamizaram e popularizaram este gênero musical, principalmente na capital; em contrapartida, centralizou-o nas mãos de poucos. Com isso, um mercado cultural foi estruturado em torno deste produto, com regras e leis próprias, aonde os empresários (donos de clubes e radiolas) viviam disputando público, visibilidade, exclusividade, e principalmente o lucro [...] É um campo de jogo de forças, de confrontos, de tensão, em que seus mediadores negociam e interage o tempo todo. (MORIAS; ARAÚJO, 2008, p. 6-7).

Por saber que São Luís congrega muitas manifestações artísticas e culturais e por entender que o próprio estado do Maranhão é rico em cultura, favorecendo algumas atividades nesse ramo, questionou-se ao proprietário do Forquilha Roots se acredita que o Reggae contribui para a cultura maranhense, obtendo a seguinte resposta: *“Sim, o reggae contribui para a nossa cultura. Nosso reconhecimento é muito forte em outros estados e países, como a Jamaica Brasileira.”*

[...] o cenário cultural do Maranhão, centrado em São Luís, costurou-se a partir desses processos, em que as repressões físicas foram substituídas por repressões à tradição simbólica e as apropriações são desenfreadas até nos dias de hoje, o que vem permitindo o desenvolvimento de novas formas de rituais, compreensão de valores e constante dinâmica de identidades e formatos estéticos [...] Nesse universo de ressignificações e expropriações culturais, o reggae jamaicano tornou-se peça-chave de uma nova fase desse processo, considerando que no seu percurso para fixação, desliga-se da suspeita repreendida e transforma-se em objeto de investidas político-empresariais. Daí que nasce um circuito na cidade denominada de Jamaica Brasileira ou capital brasileira do reggae [...] (PENHA, 2003, p. 43).

Quando indagado se é proprietário de algum point ou radiola de reggae na capital do estado, o entrevistado assegurou que *“Sim, Forquilha Roots e Lojas Jamaica Brasileira.”*



Assim como as radiolas, os salões têm papel fundamental no processo de expansão do movimento regueiro em São Luís. Ali, ao som de equipamentos sofisticados dos sistemas de som, os dançarinos mostram toda a sua habilidade [...] Na história dos salões de reggae de São Luís registra-se uma série de atos de invasão da polícia, com alegação de que esses espaços eram locais de concentração de marginais e desocupados. A ação da polícia visava a prender possíveis suspeitos, armas ou drogas [...] Mesmo confrontando-se com tais formas de repressão, e também com outras mais sutis, veiculadas na imprensa, a população frequentadora dos salões de reggae tem-se caracterizado como uma força de preservação do reggae roots jamaicano em São Luís. É importante frisar que a comunidade regueira de São Luís tem pouca identificação com o reggae produzido no Brasil. A preferência é pelo reggae original da Jamaica. (PENHA, 2003, p. 43, grifo nosso).

A visibilidade do reggae no cenário ludovicense se deu em virtude de alguns fatores: expansão dos espaços, aumento no quantitativo de radiolas, surgimento de novos DJs, divulgação nas mídias locais etc. Nesse ponto, os estabelecimentos fulguram como pontos estratégicos e por isso sua localização também assume papel central. Assim, perguntou-se onde está localizado o point de reggae e o porquê de sua localização nessa área, o que gerou a seguinte resposta: *“No bairro da Forquilha, localização por conta do fácil acesso a toda área metropolitana.”* A partir dessa resposta, reafirma-se a questão da localização estratégica e, nesse caso específico, se deu em virtude da área ser um canal urbano utilizado para acesso a outras regiões e municípios da ilha do Maranhão (São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa).

Ao ser questionado se o reggae deveria ser mais incentivado pelo governo estadual e municipal, o proprietário do estabelecimento de festas destacou que *“Sim, deveria, para nos organizar e termos voz e reconhecimento.”* Ainda que não prevaleça um caráter de organização política como há em outras capitais brasileiras que se apropriam do ritmo, o reggae é importante para que se possa pensar em uma mobilização da população negra.

Hoje o reggae está articulado a movimentos estudantis, culturais, sociais e a alguns órgãos do estado, como a Prefeitura de São Luís que realiza um projeto através da Secretaria Municipal de Turismo – SETUR, que tem por objetivo promovê-lo como produto turístico, por meio do fortalecimento de sua identidade, valorização dos costumes locais, da articulação e integração dos seguimentos, visando à satisfação dos visitantes, comunidade e agentes dos seguimentos do Reggae em São Luís. (MORIAS; ARAUJO, 2008, p. 10-11).

Sem dúvida, o envolvimento do governo no seguimento reggae contribui ainda mais no fortalecimento do estilo. Há que se destacar o Dia Municipal do Regueiro e as apresentações realizadas na Praça do Reggae, porém precisam ser pensados em projetos permanentes para esse espaço.

De forma geral, entende-se que o reggae está enraizado na cultura popular ludovicense, assumindo característica cultural simbólica e artística, um elemento de



identificação do público que o “consume”. Advindo por vias da periferia, assim como outras expressões artísticas maranhenses, foi alvo de críticas e preconceito por muito tempo. No caso maranhense, há especificidades no modo de dançar (o agarradinho), na criação de um vocabulário específico (os melôs) e na aparelhagem de som (as radiolas), por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reggae fincou raízes em São Luís do Maranhão, caracterizando-se como elemento de identidade de vários grupos e pessoas residentes nesse espaço. As semelhanças encontradas no território jamaicano e na capital maranhense denotam ainda mais a importância e potência do ritmo em contextos diversificados geograficamente, ainda que em muitos traços seja possível estabelecer certas aproximações.

O processo histórico do reggae no Maranhão e em São Luís é permeado por uma questão identitária da população negra e percorre as mesmas vias do ritmo na Jamaica, estando presente nas áreas mais pobres da periferia, sofrendo todos os tipos de discriminação e não tendo espaço privilegiado na mídia. A presença do ritmo jamaicano em pontos diferentes da cidade ressalta a importância do gênero musical na identidade da cidade e do povo, tornando-se um instrumento de lazer, turístico e revelador de uma história de resistência da população negra periférica.

Os interesses comerciais, de identificação, de lazer e entretenimento passam a interagir de forma constante nos espaços dedicados ao reggae, o que passa a ser visto também como mercadoria, ao mesmo tempo que é tido como elemento identificador da população residente em áreas periféricas e não-periféricas de São Luís. A localização dos espaços destinados ao reggae na capital maranhense reforçam o teor mercadológico e também expõem a estratégia de seus proprietários para atrair lucro, mas também propiciar momentos de alegria e prazer àqueles que curtem boas “pedras”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. P. O reggae ludovicense: uma leitura do seu sistema léxico-semântico. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, V. 10, N. 28, 2004. Disponível em: http://www.portrasedasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/reggae_ludovicense. Acesso em: 21 ago. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Bases de informações do Censo Demográfico 2010: resultados do universo por setor censitário**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.



CARVALHO, C.; BRAGA, J. A música tropical tem início no ano que não terminou. **Eclética**, Rio de Janeiro/RJ, n. 26, p. 2-6, jan./jul., 2008. Disponível em: http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Revista-Ecletica/Revista-Ecletica-n_-26-84#.VgglW-jkLkG. Acesso em: 13 mar. 2020.

FARIAS, T. R. P. **A indústria cultural na contemporaneidade: uma introdução**. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, K. C. F. O reggae em São Luís na contemporaneidade: identificação cultural, segmentação e mercado. *In.*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís, UFMA, 2008, p. 1-15.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MORIAS, M. C. L.; ARAÚJO, P. C. V. O reggae, da Jamaica ao Maranhão: presença e evolução. *In.*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4. **Anais...** Salvador, UFBA, 2008.

NEVES, C. H. S. **A dinâmica socioespacial do reggae na Jamaica Brasileira: localização dos principais points de reggae em São Luís do Maranhão**. 2020. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

NUZZI, V. Segunda pátria do reggae, Maranhão cria museu para eternizar o som da radiola. **Revista do Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/category/revistas/136/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PENHA, T. L. **Reggae, identidade cultural e atratividade turística de São Luís do Maranhão**. 2003. 77f. Monografia (Especialização em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Brasília/DF, 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, C. B. R. Os sons do Atlântico Negro. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiânia, V. 8, N. 15, P. 21-39, jul./dez., 2007.

WHITE, G. A moderna música jamaicana. *In.*: CARDOSO, M. A. (org.). **A magia do reggae**. São Paulo: Martin Claret, 1997.